


[entrevista]

queimando
1 por dentro,
Sou alma que
se salva
em bando



Sentidos do corpo gordo e da gordura na cultura material: “além do visual, além do humano, e até mesmo além dos corpos”

Christopher E. Forth¹

Entrevistadora:

Aliana Aires²

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8514-856X>

Quando fui convidada para organizar o dossiê “Fat Fashion: Perspectivas Culturais”, tive a ideia de fazer uma entrevista com algum estudioso fora do Brasil, cujas obras e estudos não estivessem traduzidos para o português. Imaginei que esta pudesse ser uma forma de conhecermos alguns dos excelentes estudos a que tive acesso quando morei em Nova York fazendo Doutorado Sanduiche na Parsons. Pensei em vários nomes que tive o prazer de “conhecer” nas prateleiras das bibliotecas de Nova York. Não foi o caso do professor Christopher, pois já tinha ouvido falar dele antes, em minhas pesquisas no Brasil, quando me deparei com sua vasta contribuição aos estudos sobre o corpo gordo. Inclusive planejei ir morar no Kansas, onde ele atua na Universidade do Kansas como professor do Departamento de História, só para ter a oportunidade de absorver um pouco do seu conhecimento. Cheguei a lhe enviar um e-mail na época e fui muito bem recebida. Embora outras razões de ordem da pesquisa tenham me feito escolher ir para Nova York e fazer o Doutorado Sanduiche na The New School - Parsons, seu trabalho continuou impactando minha pesquisa, especialmente seu livro, *Fat: A Cultural History of the Stuff of Life* (Reaktion Books, 2019), que ele descreve como um “estudo na formação de estereótipos”, e em particular sobre os estereótipos negativos que têm sido colados a imagem das pessoas gordas ao longo do tempo.

Ph.D em História pela Universidade Buffalo do Estado de Nova York em 1994, sua pesquisa interdisciplinar e temática gira em torno da história cultural do gênero e da sexualidade, do corpo e os sentidos, das masculinidades e da história intelectual da Europa. Com uma pesquisa extensa e uma vida intelectual bem fértil, ele tem inúmeras publicações, desde livros até capítulos de livros, artigos para revistas e resenhas. Já publicou diversas

¹ Doutor em História pela Universidade de Buffalo (SUNY) em Nova York (1994). Mestre e graduado em História, desde 2007 é professor efetivo no Departamento de História da Universidade do Kansas(KU), com passagens por Universidades na Austrália, Finlândia e Alemanha. É editor-chefe da revista “Cultural History”, com vasta pesquisa acadêmica e publicações de livros, artigos, resenhas e capítulos de livros nos temas: História Cultural do Gênero, Sexualidade, o Corpo e os Sentidos, História Intelectual da Europa.

² Mestre e Doutora em Comunicação e Práticas de Consumo (PPGCOM-ESPM SP), com Doutorado Sanduiche na PARSONS - The New School, NY (2017-2018), com bolsa concedida pela CAPES. Autora do livro “De gorda a plus size: moda do tamanho grande” (2019). É docente em cursos livres, de graduação e pós-graduação lato-sensu, e coordenadora da pós-graduação em Moda, Varejo e Comportamento do Consumidor no Centro Universitário Santo Agostinho (UNIFSA). E-mail: alianaires@gmail.com.

obras significativas, como *Zarathustra in Paris: The Nietzsche Vogue in France, 1891-1918* (2001), *The Dreyfus Affair and the Crisis of French Manhood* (2004), *Masculinity in the Modern West* (2008) e *Fat: A Cultural History of the Stuff of Life* (London: Reaktion Books, 2019). Forth também é co-editor do livro *Fat: Culture and Materiality* (2014) e editor-chefe da revista acadêmica *Cultural History*. Hoje, além de professor efetivo, também é membro do quadro executivo do Departamento de História na Universidade do Kansas, já tendo sido *Reserch Fellow* na Universidade Erfurt na Alemanha (2015).

Ao procurá-lo para a entrevista, fui novamente muito bem recebida e prontamente atendida. Assim, no final de outubro tive o prazer de conversar com o professor Christopher E. Forth sobre o corpo gordo e as crenças que permeiam a gordura. Ele traz uma visão que refuta um pouco do que vem sendo dito a respeito disso, por isso é tão interessante, mas ao invés de enfraquecer estudos anteriores, na verdade ele só os complementa e soma com novas visões, desde que entender os significados culturais do corpo gordo é tarefa extremamente complexa e ambígua. Espero que gostem da entrevista. Para mim foi um trabalho extremamente prazeroso transcrever o diálogo e traduzir aqui.

Quando você se interessou pelo corpo gordo? Poderia nos contar um pouco como este tema surgiu em seu caminho acadêmico e porque decidiu estudar e se aprofundar nele?

Meu interesse pelo corpo gordo se desenvolveu na época em que eu estava conduzindo pesquisas para o meu livro *The Dreyfus Affair and the Crisis of French Manhood* (2004), então estamos falando sobre o final dos anos 1990 ou mais. Enquanto explorava como os intelectuais franceses eram representados há um século, notei que o corpo de Emile Zola, um dos mais importantes defensores do Capitão Alfred Dreyfus, foi exposto na imprensa de direita por ser gordo, com o intuito de fazer um comentário negativo sobre seu caráter moral e masculinidade. Quando Zola perdeu peso, muitos de seus partidários celebraram o feito, o que eles enxergavam como sua força de vontade renovada e heroísmo. Parecia haver uma relação inversa entre gordura e masculinidade que sobrevoava diante da suposição comum de que homens de tamanho geralmente se beneficiam de uma habilidade de “ocupar espaço”. Isso foi surpreendente para mim, pois tantos estudos sobre gordura na época eram focados nas mulheres e às vezes nos homens gays (por exemplo, cultura “urso”), com poucas tentativas sérias de explorar como a gordura e a masculinidade foram compreendidas ao longo do tempo. Parecia um tema oportuno que justificava uma atenção histórica mais séria, para a qual me vi retornando em trabalhos subsequentes.

Você trouxe aqui uma questão muito interessante, que contradiz a maioria dos estudos sobre padrões de beleza existentes no Ocidente, os quais afirmam que na Antiguidade o corpo gordo era celebrado como sinônimo de riqueza e abundância, uma visão que se justificava, entre outras razões, pela escassez de alimentos no período. E que a emergência do corpo magro como

ideal de saúde e beleza seria resultado de algumas questões relacionadas à cultura capitalista, especialmente decorrentes da década de 1920. Na verdade, em meus estudos notei que em alguns momentos o excesso de gordura do corpo, mesmo nos tempos antigos, parece ter sido de alguma forma problemático, mas de um modo bem diferente do que é hoje, dado que a gordura é um significante fluido, e desse modo, seus significados mudam a cada tempo e espaço. Você pode falar um pouco mais sobre isso? É verdade que a gordura também era um problema nos tempos antigos? Se sim, como é diferente da forma como nossa cultura vê a gordura? Quais são as principais diferenças entre os significados da gordura ao longo do tempo?

Como essas são grandes questões, vou precisar de espaço para respondê-las corretamente. Enquanto outros estudiosos estudaram a história da saúde, beleza e dieta, eu estava mais preocupado em tentar entender a razão do ódio e do desgosto que os corpos gordos muitas vezes provocam no presente. Os estudos existentes na época a respeito disso sustentaram que tal preconceito era um fenômeno claramente moderno, com origens que remetiam ao século XVI. Foi nessa época que os corpos pareciam sofrer formas mais sistemáticas de disciplina e restrição através de processos complexos que foram estudados em profundidade por Michel Foucault, Norbert Elias, Mikhail Bakhtin, e muitos outros. Fui levado a acreditar que períodos anteriores tinham sido muito mais favoráveis ao corpo gordo, embora a maioria das obras históricas só começassem suas investigações com o início do período moderno e mostrassem pouco interesse na Antiguidade ou na Idade Média. Quando me pediram para escrever uma pesquisa “curta” sobre a história do corpo gordo, então decidi dedicar um capítulo a esses períodos anteriores, esperando encontrar muito pouco para contradizer a sabedoria recebida. Dessa forma, eu poderia dizer que sim, eu estudei, e poderia passar para o que eu pensei que era a “história real”: a gordofobia como um fenômeno distintamente moderno principalmente relacionado à saúde e beleza. No entanto, o que encontrei examinando textos antigos e medievais, bem como estudos antropológicos e arqueológicos, mudou minha mente. Não só encontrei muito mais durante esses tempos anteriores do que eu tinha imaginado, como muito do que eu notei persiste de várias formas até o presente. E aquele único capítulo que eu tinha originalmente planejado para os períodos clássico e medieval? Bem, isso acabou se tornando cinco capítulos, aproximadamente metade do livro. Então, o que aconteceu? Em suma, comecei a explorar os significados da “gordura” além do visual, além do humano, e até mesmo além dos corpos. Sem tentar resumir mais de dois mil anos de história em alguns parágrafos, várias coisas se tornaram evidentes para mim enquanto explorava ideias pré-modernas sobre gordura. Aqui estão os pontos básicos: A gordura era entendida como um adjetivo referente ao tamanho e forma dos corpos, referindo-se, assim, a questões de aparência. Esta é talvez a maneira mais comum de pensarmos sobre a gordura hoje em dia e tem sido a maneira mais óbvia para os historiadores abordarem o assunto. Tal abordagem se concentra bastante no visual, reforçando assim as tendências de ver a corpulência como principalmente uma questão de aparência. É claro que é verdade que os corpos gordos não foram discriminados na Europa pré-moderna como muitas vezes são hoje, mas isso não significa necessariamente que

eles foram tolerados ou celebrados sem reservas. Não encontrei nenhuma evidência de um tempo na história Ocidental em que a gordura era celebrada como um bem inequívoco em termos de saúde ou beleza. Isso ocorre em parte porque a saúde e a beleza não esgotam os significados potenciais da gordura. A gordura também se refere a uma substância material que facilita o inchaço dos corpos, substância que é em si ambígua na medida em que é capaz de ser um sólido ou um líquido. Assim, a gordura refere-se ao tecido adiposo, é claro, mas também ao óleo e graxa. A materialidade ambígua da gordura, me pareceu ter desempenhado um papel considerável na forma como corpos gordos poderiam ser experimentados. Por exemplo, a observação grega de que a gordura era um material insensível que parecia bloquear a percepção e a sensação contribuiu para o estereótipo antigo – e duradouro – de que as pessoas gordas são elas mesmas cognitivamente “grossas”, tolas ou até mesmo estúpidas. Essa gordura poderia motivar parcialmente o significado legitimado de uma abertura às recentes investigações antropológicas sobre a potencialidade da matéria, que complementam os modelos culturais/discursivos que predominam no campo. Além de suas qualidades materiais, a gordura pré-moderna também era uma substância vital regularmente observada no mundo natural – por exemplo, nos corpos de animais não humanos, mas também no solo, na água e até mesmo no ar. Isso é importante porque, até o final do século XVIII, os corpos humanos eram frequentemente conceituados com referência direta a plantas e animais. Isso também foi uma fonte de ambivalência: frutas e vegetais podem inchar à medida que crescem (uma coisa “boa”), mas o solo que é muito “gordo” (ou seja, muito untuoso) poderia promover o crescimento excessivo e, portanto, a putrefação (uma coisa “ruim”). A gordura foi, portanto, implicada em ciclos agrícolas onde a fertilidade e a abundância eram momentos em um contínuo que sempre incluíam morte e decadência, o que por sua vez geravam nova vida. Portanto, nossa noção moderna de que a gordura implica fertilidade – e que a fertilidade é inequivocamente “boa” – desconsidera a natureza cíclica do processo orgânico que necessariamente incluía morte e a decadência. A gordura corporal implica que algum processo de engorda ocorreu ou está em andamento. Isso, também, tem raízes na imaginação agrícola. O processo de engorda evoca a situação dos animais não humanos, especialmente aqueles domesticados para uso humano. É claro que as comparações de corpos humanos gordos com os de certos animais não humanos – notadamente vacas, porcos, baleias, focas, etc. – se repetem ao longo da história Ocidental, mas isso não se deve apenas a alguma suposta semelhança física. Alguns animais são engordados por serem mantidos em pequenos cativeiros, onde seu movimento é restrito, outros são engordados por serem alimentados à força ou castrados. Como forma de desempoderamento e até mesmo dominação, engordar nunca foi algo feito em benefício do animal engordado. A linguagem da animalidade pouco lisonjeira continua a desempenhar um papel no estereótipo da gordura, onde a imagem de ser “engordado para o abate” sugere a posição subordinada e enfraquecida do ser corpulento. Este tema se repete em reivindicações modernas sobre gordura. Uma outra dimensão da engorda também pode ser mencionada: o solo que era considerado muito “fino” para o plantio era geralmente “engordado” através da adição de matéria podre ou excremental, adicionando assim uma camada de “sujeira” ao estereótipo da animalidade abjeta. Podemos agradecer ao Cristianismo primitivo por ajudar a concretizar essa ligação entre sujeira e gordura. Gordura e engorda oferecem lembranças desagradáveis de sujeira, animalidade,

vulnerabilidade e mortalidade, que são características inescapáveis da vida incorporada. Na medida em que o que chamo de “imaginário gordo” está profundamente implicado em modelos passados, uma ambivalência sobre os processos e substâncias associadas à vida orgânica tem desempenhado um papel na estruturação das respostas culturais Ocidentais à gordura. Descrever a gordura (como eu faço) como “o material da vida” é, assim, envolver-se com algo profundamente equívoco, e é por isso que é enganoso fazer duras distinções entre o moderno e o pré-moderno.

Na cultura Ocidental, ser uma mulher gorda parece muito mais problemático do que ser um homem gordo. De acordo com os estudos feministas, isso se dá por muitas razões, entre elas a pressão estética pela beleza. Susan Bordo (1993) em seu livro clássico “Unwearable Weight” observa que, de fato, os excessos sempre foram reprovados para o gênero feminino: seja desejo sexual excessivo, liberdade excessiva, sabedoria excessiva ou excesso de fome. Joanne Entwistle (2015) afirma que a beleza hoje requer uma nova forma de disciplina: para alcançar a barriga firme, é necessário exercitar e observar o que se come. A autora ainda faz uma comparação entre os estômagos das mulheres dos séculos XIX e XX: enquanto o estômago da mulher usando espartilho no século XIX foi disciplinado por fora, a mulher do século XX tem um estômago disciplinado por exercício e dieta, imposta pela autodisciplina. Entwistle (2015), no entanto, argumenta que a autodisciplina exigida pelo corpo do sujeito contemporâneo requer maior comprometimento e vigilância sobre o corpo do que foi exigido pelo usuário de espartilho. Valerie Steele (2007) também refletiu sobre este fenômeno, que denominou como a “Internalização do espartilho”. Isso evidencia que o controle biopolítico sobre o corpo descrito por Foucault está em seu estágio mais avançado, conectando-se ao que Byung Chul-Han (2017) identificou e nomeou de psicopolítica. Nos vigiamos e exploramos nossos corpos, de modo que o controle é exercido de dentro, uma vez que é através do corpo que nos conectamos com nossa subjetividade. Você poderia falar um pouco mais sobre isso e expor sua visão a respeito da pressão que a mulher Ocidental sofre para emagrecer?

A pressão moderna sobre meninas e mulheres para se adequarem a padrões de beleza irrealistas e muitas vezes insalubres é inegável e deplorável. Como há boas razões para afirmar que no mundo moderno “a gordura é uma questão feminista”, é compreensível que isso forneça estrutura para o pensamento precoce sobre os significados históricos da gordura. Então eu não discordo de nada do que você disse. No entanto, se a gordura corporal pode oferecer lembranças desagradáveis de sujeira, animalidade, vulnerabilidade e mortalidade, há uma longa história de representar o corpo das mulheres materializando exatamente essas realidades potencialmente perturbadoras. Historiadores como Caroline Walker Bynum, demonstram uma tendência Ocidental profundamente entrincheirada para associar intimamente os corpos das mulheres com processos orgânicos em geral. Os psicólogos sociais Jamie L. Goldenberg e Tomi-Ann Roberts usam a Teoria da Gestão do Terror

para mostrar como isso continua sendo o caso até o presente. Embora proponham formas de mitigar tais atitudes, eles observam que “a objetificação das mulheres serve a uma importante função existencial — ela as tira de sua conexão criatura e, portanto, fornece proteção psíquica contra a ameaça de morte”(2004). Então, embora o que você diz acima seja totalmente legítimo, pode-se também imaginar quais outras funções são servidas por convenções de beleza femininas e como elas se relacionam com a gordura. Se as demandas estéticas impostas às mulheres se tornaram mais intensas no período moderno, o que isso nos diz sobre as mudanças de atitudes da cultura Ocidental em relação à corporeidade? No livro proponho que, no século XX, atitudes anti gordura expressavam uma tendência ao “utopianismo” corporal e ao desejo de transcender as limitações humanas. É claro que esses desejos são provavelmente primordiais, mas na era moderna os desenvolvimentos tecnológicos os fizeram parecer cada vez mais facilmente obtidos. A gordura poderia, então, ser também uma questão existencial?

Ainda quanto as intersecções entre gênero e gordura, você traz em seus estudos um foco na masculinidade e no corpo, o que poucos estudiosos fazem, especialmente no Brasil, mostrando que o corpo masculino também sofreu pressão para emagrecer desde os Tempos Antigos, já que a gordura era considerada como algo pertencente ao corpo feminino. Você acha que ter um corpo gordo afeta negativamente os homens devido a questões binárias de demarcação de gênero? Numa cultura Ocidental patriarcal, com valores machistas, como é a nossa, poderíamos dizer que ter um corpo gordo significa ser menos homem? Isso pode ajudar a entender a cultura da musculação e o cultivo muscular muito forte hoje em dia, especialmente pelos homens, embora esteja ganhando cada vez mais mulheres adeptas. Se você concorda com essa perspectiva, então podemos dizer que uma mulher que cultivava músculos também se torna menos mulher ou “masculinizada”?

Mencionei que minhas primeiras reflexões sobre gordura saíram de estudos históricos de homens e masculinidades e um interesse contínuo em pensar sobre personificação. Outras pesquisas sobre percepções históricas do corpo masculino sugeriram que o que aconteceu com Emile Zola por volta de 1900 não foi um caso isolado ou mesmo particularmente novo na época. Uma vez que comecei a olhar mais de perto para o Ocidente pré-moderno ficou claro que eu estava lidando com algo bastante antigo, algo que seria reiterado ao longo dos séculos de maneiras diferentes. Ficou claro que a gordura é uma questão feminina e feminista. Falando em termos muito gerais, eu diria que os sentidos da gordura são ambíguos quando se trata de homens no Ocidente. A ideia de que os homens historicamente foram capazes de consumir mais alimentos e crescer o quanto quiserem, pode falar a um certo grau de privilégio e status. Além disso, corpos masculinos muito grandes, especialmente quando são altos, têm sido capazes de serem vistos como imponentes e até monumentais. Mas tais impressões sempre foram potencialmente sujeitas a desafios por outros que enfatizam a fraqueza, maciez e até tolice que foram relacionadas ao corpo gordo desde a Antiguidade. Há, de fato, uma tensão histórica e profunda de gênero entre músculo e gordura que persiste

até o presente. Meninos e homens são encorajados a expulsar gordura “feminina” de seus corpos, mas em vez de se esforçar pela dureza reconfortante do osso (como se vê frequentemente na anorexia), eles parecem mais inclinados a substituir a gordura por músculos. Embora não seja difícil ver que o treinamento atlético e a construção muscular foram culturalmente codificados como “masculinos”, uma mulher que deseja cultivar músculos não é menos mulher. Como traços codificados por gênero se referem indiscutivelmente a qualidades e atividades amplamente humanas, por que os homens devem ter o monopólio do “masculino”?

Seus estudos nos convidam a olhar além das abordagens “antes e depois”(o que significa que antes a gordura era vista como positiva e depois como negativa) sobre a gordura mostrando que o excesso de gordura não parece ter sido tão celebrado no passado, ao contrário do que nos foi dito. No entanto, não podemos negar que existem narrativas que realmente apontam o quão as mulheres gordas eram desejadas em todo o Mundo Antigo. A historiadora brasileira Denise Bernuzzi de Sant’Anna, especialista em história da beleza no Brasil, traz uma contribuição importante para a compreensão dos significados associados ao corpo gordo, especialmente o feminino. Uma narrativa interessante que ela nos conta remonta à década de 1930 no interior do Brasil, quando os casamentos eram um acordo, e os tipos físicos femininos influenciaram a escolha da noiva. Nessa época, ser gorda era considerado positivo, e as mulheres com esse biótipo eram chamadas de “gorda de armazém”, nome que expressava abundância. Dessa forma, os homens que se casassem com elas acumulariam riquezas, desde que seu corpo, entendido como um armazém, poderia armazenar riquezas. Por outro lado, a mulher magra era chamada de “magra ruim”, o que era extremamente negativo, pois seriam mulheres que comem e não se mostram capazes de acumular gorduras, então se casar com a mulher magra significava uma sina de perdas materiais. Eu entendo que essas narrativas vinham do Brasil rural, onde as riquezas estavam associadas ao cultivo de terras e pecuária, por isso faz sentido essas comparações animais. Embora não usemos mais o termo “gorda de armazém” hoje, o termo “magro ruim” persiste em nossa cultura, mas agora com um significado diferente e positivo. A magra de ruim hoje é uma mulher abençoada com o dom da magreza e os homens contemporâneos tendem a preferir se casar com elas porque estão mais próximos do corpo idealizado pela cultura Ocidental. Essa narrativa reproduz a crença predominante em estudos históricos, do “antes e depois”, mostrando que em períodos primitivos a gordura era apreciada e hoje é temida. A narrativa descrita lhe parece familiar com o que vem encontrando em seus estudos? O que você acha que pode explicar melhor esse cenário contraditório sobre os significados da gordura ao longo do tempo? Poderíamos dizer que a maioria dos estudos mostrando o corpo gordo como algo tão positivo no passado estavam se referindo a uma gordura aceitável e não ao excesso de gordura? Então, se

sim, haveria uma divisão entre gordura boa e ruim? Ou você acredita que as noções de “antes e depois” sobre gordura também são válidas e esse cenário contraditório tem mais a ver com o caráter ambíguo da gordura, que ainda precisa ser mais estudado e mais bem compreendido?

Não nego nada disso, mas como não sei como a “gordura” está sendo definida no estudo que você cita e o que mais o autor explorou, então não posso fazer uma análise, mas parece estar em conformidade com as abordagens padrão «antes e depois» que predominaram em estudos históricos de gordura. Isso não é uma crítica ou refutação, a propósito – faz todo o sentido notar tais diferenças óbvias ao longo do tempo e seria estranho ignorá-las. Além disso, o que você descreve ecoa o que eu li sobre percepções de gordura em outras culturas rurais e tradicionais. Por exemplo, corpos femininos gordos eram sinais de abundância e prosperidade na Europa medieval também. No entanto, a positividade dessa impressão sempre esteve sujeita a desafios por aqueles que apontaram para as implicações potencialmente negativas da gordura. Afinal, os benefícios presumidos da gordura muitas vezes desbotam quando a corpulência era vista como extrema. Foi esse o caso na década de 1930 no Brasil também? Então sim – minha opinião é que gordura é, na melhor das hipóteses, de natureza ambígua, razão pela qual vemos atitudes conflitantes ao longo do tempo. Os ditados rústicos que aparecem frequentemente nos provérbios europeus, por exemplo, mostram essa ambiguidade muito claramente. A mesma cultura que abraçou a gordura como um sinal de fertilidade e abundância também poderia produzir afirmações como “carne gorda é carne de gelo”, “o mais gordo é o primeiro a apodrecer”, “uma barriga bruta não produz uma mente refinada”, etc. Então, se as mulheres gordas do país na década de 1930 eram preferidas devido à abundância que seus corpos sugeriam, é aqui que a história termina? E se a gordura também fosse um sinal de tolice ou estupidez, como foi ao longo da história Ocidental? Nesse caso, o que foi “positivo” sobre as grandes mulheres rurais poderia ter sido diminuído pela suposição de que as noivas gordas também devem ser mansas, estúpidas e dóceis. São traços “bons” quando se pensa em gado, mas não tão bons para o animal domesticado em si. Pior ainda para as mulheres que estão sendo tratadas como gado. Essa é uma das razões pelas quais as escritoras feministas dos anos 1880 até a década de 1970 criticaram certas culturas não-Ocidentais, justamente porque as mulheres nessas culturas eram esperadas – se não compelidas – a serem gordas.

Por que ainda existe nos dias de hoje um senso comum permeado por afirmações de que a gordura é considerada boa para as mulheres quando se pensa em fertilidade e por que, ao mesmo tempo, é algo tão ruim quando se pensa em beleza?

Eu acho que a suposição de que a gordura é “boa” para a fertilidade só é verdadeira até certo ponto. Todos sabemos que mulheres que sofrem de anorexia podem ter dificuldade em engravidar ou de levar uma gravidez adiante. No entanto, os médicos de hoje ecoam o que os gregos sabiam séculos atrás: enquanto uma medida de gordura é necessária para a reprodução, o excesso de gordura pode promover infertilidade ou esterilidade em mulheres e homens.

Eu não acho que binários excessivamente afiados como gordura/magreza, fertilidade/esterilidade, bom/ruim são muito úteis quando a situação parece muito mais complexa.

De acordo com seus estudos, quais são as principais razões pelas quais a gordura se tornou um problema na cultura Ocidental? E ao mesmo tempo por que a magreza torna-se algo tão positivo e desejado?

De várias maneiras, a gordura sempre foi problemática no mundo Ocidental, embora tenha se tornado especialmente vilipendiada na década de 1920, quando a magreza entrou na moda. As razões para isso são variadas e complexas. Isso decorreu, em parte, de um legado colonial onde a gordura não branca era consistentemente considerada feia, repugnante e inadequada para os brancos “civilizados”. Este estereótipo racial funcionou ao lado de vários outros fatores, incluindo o interesse generalizado em desempenho e eficiência (onde a gordura significava resíduos, se não sujeira) e tentativas crescentes de usar o corpo como locus de controle em um mundo moderno cada vez mais fluido e desorientado. Estas são apenas algumas facetas do que me parece um desenvolvimento complexo.

Você é um dos editores de “Fat: Culture and Materiality”. Esse volume abre novos caminhos no estudo da relação entre a cultura e o mundo material e aborda o papel da gordura em uma variedade de ambientes culturais. Você pode explicar mais sobre especialmente por que gordura como uma substância tem provocado nojo e como ela evoca percepções de animalidade?

Uso a emoção do desgosto como forma de abordar a complexa materialidade da gordura, algo que tipicamente tem sido negligenciado por aqueles que se concentram mais em discursos e representações. Os principais sentidos envolvidos no desgosto são menos visuais do que táteis e até mesmo olfativos, envolvendo um recuo de potencialmente entrar em contato com o objeto em questão. Além disso, as coisas que provocam nojo tendem a fornecer lembranças de animalidade e mortalidade. Embora seja verdade que corpos gordos e substâncias podem provocar nojo em vários momentos, eles certamente não deveriam. Ao contrário, tento mostrar que a estreita associação da gordura com nojo que vemos hoje foi construída gradualmente ao longo do tempo e em resposta à mudança de ideias sobre beleza, higiene, raça, classe e outras variáveis. É por isso que eu acho que é importante analisar como os corpos são percebidos em um determinado momento, explorando uma gama mais ampla de fatores culturais além da saúde e da beleza. As ideias sobre o saudável e o bonito muitas vezes estão ligados a muitas outras questões também.

Você acha que isso ajudaria a explicar a ojeriza que temos ao corpo gordo e o pavor de engordar nos dias de hoje? A sensação de nojo pela gordura em sua forma material (óleo, graxa, etc) poderia ser transferida para o corpo físico gordo?

Sim, isso acontece o tempo todo. Por um bom tempo no Ocidente o ganho de peso

foi explicado como o acúmulo de substâncias não excretadas no corpo, notadamente graxa, suor e outras coisas “imundas”. Em parte, é por isso que a imagem da pessoa gorda como sem fôlego e suando após o menor esforço se repete desde o início do período moderno. Sugere um tipo de vazamento que foi obrigado a provocar respostas à medida que os corpos modernos eram cada vez mais esperados para manter limites seguros e contidos. Isso é verdade mesmo que em outras ocasiões o suor seja validado como um sinal de transformação – como se o exercício instanciasse uma espécie de “alquimia” pela qual uma substância abjeta (gordura) é expelida do corpo ou transformada em algo mais admirável. Alguns até afirmam falsamente que através do exercício a gordura se transforma em músculo, o que ilustra ainda mais como essa atividade é vista como algo alquimista. Outros hoje vão além, sugerindo que a prisão de ventre é parcialmente responsável pelo ganho de peso, uma alegação que explicitamente conecta a gordura à sujeira e ecoa algum pensamento médico do século XVIII. Sem dúvida, as coisas se tornam ainda mais complexas quando a gordura é vista como uma substância corporal personificada, como se a gordura fosse um ator por si só. Desde meados do século XIX, encontram-se afirmações de que a gordura é um “invasor” furtivamente ras-tejante contra o qual a vigilância deve ser mantida (isto é, quando uma espécie de “batalha” não foi aderida). O *slogan* “suor é choro gordo” parece fazer gestos para uma personificação de gordura, como se fosse uma substância cujos “sentimentos” precisam ser feridos. Se tais atitudes duras se tornaram gradualmente mais pronunciadas na era moderna, seus ingredientes básicos não são totalmente “modernos” em tudo.

Em seu livro, *Fat: A Cultural History of the Stuff of Life*, você nota que existe uma “divisão geográfica entre o Ocidente e o ‘Resto’” ao pensar em gordura, que criou uma dicotomia na qual a gordura é enquadrada como um “problema” com a necessidade de ser investigado dentro dos contextos Ocidentais, enquanto ela passa subexaminada além do quadro Ocidental. Quais aspectos sobre a gordura nas culturas não-Ocidentais carecem de estudos?

Não sou especialista nessa área, mas pelo que vi a literatura sobre gordura em culturas não-Ocidentais às vezes é muito ansiosa para celebrar o abraço do corpo gordo sem também investigar casos de ambiguidade. Este é especialmente o caso quando se trata de explorar a materialidade da gordura como uma substância vital e às vezes tabu. Mas há alguns estudos excelentes, teoricamente experientes lá fora também. Um título de destaque para mim é *Rebecca Popenoe’s Feeding Desire: Fatness, Beauty and Sexuality Among a Saharan People* (2004), uma etnografia rica, matizada e conceitualmente sofisticada de práticas de engorda na Mauritània.

Como você vê o papel do capitalismo e da sociedade de consumo, especialmente da indústria da moda, que deu grande visibilidade ao corpo magro como corpo ideal e segregou corpos gordos?

O trabalho de Julie Guthman sobre neoliberalismo e gordura mostra persuasivamen-

te como nosso mundo saudável está localizado dentro de uma sociedade agressivamente consumista, criando uma “cultura de bulimia” na qual os excessos do consumo compulsório são supostamente “corrigidos” pelo consumo igualmente obrigatório de programas e produtos de perda de peso. A indústria da moda não é algo que eu estudei em profundidade, pois já parecia estar sendo investigada por outros estudiosos, mas é fácil ver como o mundo da alta moda reforça estereótipos sobre corpos gordos enquanto celebra aqueles que parecem ser perigosamente magros.

Você acha que o surgimento dos *Fat Studies*, especialmente na América do Norte, tem contribuído para o estudo da gordura e dos corpos Gordos? Como você avalia isso?

Absolutamente – os *Fat Studies* (estudos sobre o corpo gordo) têm desempenhado um papel importante em ajudar a legitimar o tamanho e a forma do corpo como objetos de estudo dignos. Houve também importantes contribuições iniciais de estudiosos que não estavam ligados a estudos de gordura, por exemplo, Sander Gilman e Peter Stearns. Como historiador, fiquei decepcionado com alguns dos primeiros trabalhos históricos que estavam sendo feitos nos *Fat Studies*: muitas vezes conduzidos por não historiadores, alguns desses artigos e livros pareciam propensos a exageros e mais preocupados com o ativismo do que com o rigor. À medida que mais historiadores profissionais voltam sua atenção ao tema, perspectivas mais sofisticadas e matizadas estão surgindo. O repertório teórico de estudos do corpo gordo/*Fat Studies* também parece estar se desenvolvendo de maneiras interessantes: um foco inicial nas noções foucaultianas de “disciplina” e o “corpo grotesco” de Bakhtin agora é complementado por estudiosos fazendo bom uso do “novo materialismo” e da fenomenologia.